

29 JAN 1987

A única saída

Já não existem dúvidas de que a Nação caiu num processo de expectativa diante da crise que a assobia, considerando, sobretudo, as incertezas das respostas de curto prazo que as áreas sociais e econômicas poderão oferecer. A véspera da instalação da Assembléia Nacional Constituinte, no próximo domingo, faz deslocar o centro de gravidade das preocupações maiores dos altos escalões de Brasília. O encaminhamento das decisões que irão refletir diretamente sobre o capital e o trabalho, nas relações entre si e na de ambos com a sociedade em geral e o Governo em particular, fica sobrestado. Tanto por motivações políticas quanto pela falta de maturação das medidas a serem postas em prática.

Sejam quais forem as alternativas a se abrirem, para aliviar as tensões econômicas e sociais, elas não terão diante de si horizontes mais amplos com distâncias muito breves a serem cobertas com segurança, desde que não são confiáveis o comportamento e as reações das classes assalariadas, postas em conjugação com o empresariado. As propostas oficiais, até aqui avaliadas pelas duas categorias, não foram avalizadas nem pela iniciativa privada, nem pelos trabalhadores. As bases de apoio para abrir caminhos para o "Cruzado III" são instáveis, na sua consistência e incertas em suas garantias. Os pontos de tangência estão encobertos pelas águas da desconfiança. Assiste-se a um interminável diálogo de desconfiados e de descrentes.

De todas as prioridades examinadas apenas uma tem-se mantin-

do íntegra na sua viabilidade e permanente na contribuição que pode oferecer para repor a Nação em seus níveis de prosperidade. A agricultura, pelos valores que incorpora ao Produto Interno Bruto, pelos espaços que ocupa no sistema produtivo do País, pela abrangência de sua participação na riqueza nacional e pela sua precedência no mercado interno, tem cadeira cativa na imensa competição que o desenvolvimento tem proporcionado entre os diversos setores.

Mais do que isso, coube ao empresariado rural dar a sustentação indispensável ao mercado interno, gerando, ainda, excedentes exportáveis que durante 3/4 do presente século lastrearam a prosperidade brasileira. As pulsões registradas decorreram de erros de política de abastecimento — que jamais foi estruturada em termos sistemáticos —, de excessos climáticos e dos esbulhos e discriminações que a vitimaram nos tratamentos diferenciados que sempre privilegiaram a indústria em detrimento do campo. Encaixotada durante anos a fio por um tabelamento de ponta que deformou os seus resultados, a atividade rural prosperou e cresceu por esforços próprios. A exceção foi aberta com a criação da Carteira Agrícola, do Banco do Brasil e a estruturação de uma sistemática de crédito que efetivamente ofereceu um gancho que o campo aproveitou com propriedade, enquanto durou.

Não foi sem outra razão que a expansão da fronteira agrícola marcou passo, durante quase meio século, para alcançar os cin-

quenta milhões de hectares de área plantada e mais de uma década para ultrapassar cinqüenta milhões de toneladas de alimentos, desde quando nelas ingressou. Somente agora entra-se na casa dos sessenta milhões de toneladas, e já se poderia estar nas proximidades dos cem milhões. Possui este País reservas de terras para incorporar mais de 150 milhões de alqueires nos domínios da produção. E no entanto a prioridade para a agropecuária até hoje não passou das palavras dos empossados ou dos programas sofisticados de governos e mais governos.

A Agricultura é a saída. A Agricultura é a alternativa para reabrir os caminhos da prosperidade a partir das suas disponibilidades que são praticamente inesgotáveis e das suas necessidades, crescentes em suas exigências.

Com a implementação das técnicas de irrigação o Brasil pode multiplicar a sua produtividade, ganhando postura internacional pela força de estoques reguladores e pela sua potencialidade em dobrar a sua produção a médio prazo.

Não fossem as razões internas de desconforto advindas de uma população faminta, — mais de 30 milhões de brasileiros vivendo na pobreza absoluta — e teríamos a plena justificativa para priorizar o campo diante da proximidade do terceiro milênio, quando o mundo entrará na faixa perigosa dos 6,130 bilhões de habitantes, já com suas fronteiras agrícolas esgotadas em sua dinâmica de expansão.